

**O TEXTO NA INICIAÇÃO CIENTÍFICA:
PERCURSOS DISCENTES NAS ÁREAS
DE CIÊNCIAS DA SAÚDE E CIÊNCIAS AGRÁRIAS¹⁵**

Thamires Meira da Silva (UCDB-MS)

thamires_direito@hotmail.com

Arlinda Cantero Dorsa (UCDB-MS)

acdorsa@uol.com.br

1. Reflexões iniciais

Este artigo representa o estudo acerca das dificuldades e avanços dos discentes participantes da iniciação científica no tocante às produções textuais científicas, principalmente nas áreas de ciências da saúde e ciências agrárias.

O trabalho faz parte de uma discussão muito mais ampla, desenvolvida pelo Grupo de Pesquisa em Patrimônio Cultural, Direitos e Diversidade, e liga-se ao projeto de pesquisa “Da elaboração do texto na universidade à divulgação científica: caminhos percorridos e a percorrer”, integrado por professores-orientadores e alunos de iniciação científica, grupo este existente na Universidade Católica Dom Bosco – MS.

A problemática das dificuldades na elaboração de textos científicos é uma realidade constante nos bancos universitários, seja por alunos da graduação ou pós-graduação. O déficit na produção textual origina-se no decorrer da trajetória escolar, sendo que ao ingressar na universidade tal ocorrência torna-se mais evidente devido ao fato de ser nesse ambiente que se concretiza o desenvolvimento de uma comunidade científica, a qual exige habilidades mais rebuscadas na prática da escrita.

A produção científica também exige cada vez mais aprimoramento na técnica da redação textual científica. Por englobar diversificados gêneros textuais, tal atividade faz que os pesquisadores estejam cada vez mais instigados pela busca do conhecimento e da qualidade de suas produções, já que produzir ciência é algo essencial para o desenvolvimento da sociedade.

¹⁵ Este artigo é resultado do Projeto de Iniciação Científica da Universidade Católica Dom Bosco – MS. Ciclo 2012-2013.

O presente artigo objetiva investigar e analisar a importância do texto científico, principalmente no momento de sua elaboração e produção pelos discentes das áreas de ciências da saúde e ciências agrárias, voltado à iniciação científica.

Objetiva-se também indicar a importância de se fazer parte de uma comunidade científica e vivenciar a experiência de pesquisa, com a produção dos diferentes gêneros textuais científicos contextualizados no universo científico.

Assim, por meio de levantamentos bibliográficos, coleta de dados por meio de um questionário semiestruturado aplicado aos discentes participantes do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC constata-se a relevância da pesquisa na comunidade científica e da produção textual para os discentes de iniciação científica.

Primeiramente, expõe-se os aspectos relativos ao desenvolvimento de uma comunidade científica, seu conceito e sua contextualização na Universidade Católica Dom Bosco – UCDB.

Em seguida, merece destaque o caminho que deve ser percorrido pelo aluno da iniciação científica, assim como qualquer outro não participante do programa no momento da elaboração dos textos científicos. A leitura é o principal elemento componente dessa trajetória, aquele que proporciona todo o embasamento científico para a produção textual. Nesse contexto, pertinente também se faz a discussão em torno da questão do plágio nos trabalhos científicos, como por exemplo, o que caracteriza o plágio e as consequências que o mesmo pode ocasionar na pesquisa científica.

Por fim, direciona-se aos resultados encontrados no decorrer da pesquisa, principalmente no tocante aos dados coletados por meio dos questionários respondidos pelos discentes dos cursos das áreas de ciências da saúde e ciências agrárias participantes da iniciação científica.

2. Comunidade científica: olhares necessários

O percurso de uma comunidade científica relaciona-se com o desenvolvimento da sociedade em que a mesma se encontra inserida. A ciência, fundamental para o progresso da humanidade, se faz presente nos mais diversos contextos sociais, sendo o trabalho realizado pela comuni-

dade científica o alicerce para o progresso das mais variadas áreas do conhecimento.

Com relação ao berço da expressão comunidade científica Nunes (1996, p. 05) afirma que:

A expressão *comunidade científica* foi consagrada por Robert Merton como conceito central da Sociologia da Ciência. Ela é utilizada, rotineiramente, para designar os universos sociais em que se produz a ciência e os cientistas que os integram.

Já segundo os ensinamentos de Dorsa e Castilho (2011, p. 03) comunidade científica pode ser definida como “[...] um grupo de praticantes de uma especialidade científica que se encontram unidos por elementos comuns que foram incorporados através da iniciação científica [...]”.

Assim, fazer parte de uma comunidade científica é produzir conhecimento juntamente com pessoas que compartilham interesses comuns. Um grupo de comunidade científica está interligado por um objetivo único, qual seja o de investigar e produzir Ciência, inovando nas descobertas e resoluções de problemas ainda não desvendados.

Como bem explana Kuhn (1979, p. 356) citado por Dorsa e Castilho (2011, p. 03) “[...] é no ambiente, oferecido pela comunidade científica, que os cientistas veem-se a si mesmos e são vistos pelos outros como os responsáveis pela resolução de um conjunto de problemas”.

O contexto de uma comunidade científica está estritamente relacionado com as universidades. É no ambiente universitário que mais se faz presente, principalmente com o desenvolvimento de atividade de pesquisa por meio da iniciação científica e de programas de pós-graduação, como mestrados e doutorados.

Segundo Lovisolo (1997) a universidade é o lugar específico para formar investigadores e para desenvolver a pesquisa, sendo que pensar em uma comunidade científica implica automaticamente pensar na dinâmica de uma universidade.

No Brasil, conforme expõe Massi e Queiroz (2010) o início de institucionalização das comunidades científicas remonta ao ano de 1951 com a criação do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, o qual financiou a atividade de Iniciação Científica por meio da concessão de bolsas anuais de fomento à pesquisa na graduação. Sendo que em 1988 o CNPq criou o Programa Institucional de Bol-

sas de Iniciação Científica – PIBIC, outro meio de fomento que concede diretamente às instituições de ensino superior e aos institutos de pesquisa as bolsas de iniciação científica.

No âmbito da Universidade Católica Dom Bosco – UCDB, o *Caderno de Resumos do VI Encontro de Iniciação Científica* expõe que o ingresso da universidade ao PIBIC ocorreu em 1994 com a concessão de 10 bolsas de iniciação científica pelo CNPq. Em 2006, o Programa de Iniciação Científica da UCDB foi reconhecido pelo CNPq como o melhor da Região Centro-Oeste e entre os 30 melhores do Brasil. Em 2010, o avanço na concessão de bolsas do CNPq chegou a 80 e da UCDB ao total de 50 bolsas.

Dessa maneira, a trajetória de uma comunidade científica é delimitada no âmbito das universidades, pois é neste ambiente dinâmico que se produz conhecimento em larga escala. É no mundo acadêmico que mestres e alunos se unem em torno de objetivos comuns, aproximando assim o ensino da prática da pesquisa científica.

3. A elaboração do texto na iniciação científica: percursos necessários

A universidade, como local de desenvolvimento das atividades de uma comunidade científica engloba na trajetória do ensino superior um dos primeiros contatos dos alunos da graduação com a elaboração do texto científico. Como bem ensina Ramires (2007, p. 67):

Nesse espaço que, na verdade, é dinâmico e plural, seus membros engajam-se na produção de conhecimento e interação social sobretudo, por meio do uso do discurso, o qual se concretiza na forma dos diferentes gêneros textuais que circulam nessa comunidade.

O primeiro momento de interação dos discentes com o texto científico se dá nas atividades desenvolvidas pelos mesmos nas salas de aulas, sob a orientação do professor. Antes mesmo de ingressar na pesquisa, são muitas as dificuldades dos alunos na elaboração de textos científicos, principalmente com relação à estrutura mínima obrigacional de cada gênero textual e regras metodológicas de trabalhos científicos.

Nesse sentido, eis o posicionamento de Ramires (2007, p. 67) ao afirmar que:

O conhecimento de diferentes gêneros textuais produzidos e divulgados nesse contexto está associado ao conhecimento das normas e convenções des-

ses discursos, os quais não são apropriados por todos os membros dessa comunidade. É assim que o aluno representa um papel secundário nesse cenário. Desconhecendo total ou parcialmente as convenções comunicativas / pragmáticas da produção dos discursos da comunidade acadêmica, nem sempre o aluno consegue se engajar nesse contexto de produção e isso explica o fato de a relação entre produção acadêmica de professores e alunos, no que diz respeito ao texto escrito, ser tão desproporcional.

O percurso para a elaboração de qualquer texto científico necessita observar determinadas etapas, consideradas primordiais para a produção científica. O primeiro grande passo, para não dizer o mais importante, para produzir um texto é a leitura de um referencial teórico condizente com tema proposto. Como bem explana Motta-Roth e Hendges (2010, p. 14) “[...] a atividade de leitura alimenta a escrita [...]”.

Após uma cuidadosa leitura de todos os textos elencados para a elaboração de um texto científico, é essencial a elaboração de um plano de trabalho para nortear o rumo a se seguir na pesquisa. O plano de trabalho é a base de qualquer trabalho científico, é ele que vai delimitar os caminhos que devem ser percorridos pelo pesquisador no decorrer da atividade de pesquisa e redação científica. Este plano normalmente é relacionado a um projeto maior elaborado pelo coordenador geral que será ou não o orientador do/s plano/s de trabalho.

Juntamente com o plano de trabalho, também é de fundamental importância para a celeridade da pesquisa e da produção científica a elaboração de uma tomada de notas das leituras propostas, como por exemplo, por meio de fichamento, já com as devidas citações especificadas para facilitar o momento da elaboração do texto científico. Como bem explica Simões (2005, p. 04) “a tomada de notas que acompanha ou sucede a pesquisa bibliográfica precisa corresponder a apontamentos, para que o conteúdo possa ser reutilizado adiante sem maiores perdas de tempo ou dispêndio de muito esforço”.

No momento da elaboração do relatório parcial e posteriormente do artigo final ao término do período da pesquisa, deve-se ter em mente uma organização textual, com a presença de subtítulos que podem facilitar o entendimento das ideias que serão apresentadas. Mais do que escrever e dominar as técnicas metodológicas, porém, o principal passo na elaboração do texto científico é a leitura. Segundo Simões (2005, p. 05):

A leitura é uma atividade de alta complexidade, no entanto, insubstituível no processo de formação do homem integral. [...] a leitura integra a formação do indivíduo por atravessar todos os planos de sua vida: social, cultural, intelectual, político, etc. Não há como interagir produtivamente em sociedade –

sobretudo interferindo nos processos – sem os conhecimentos adquiridos por intermédio da leitura.

Sendo assim, muitas das dificuldades encontradas na elaboração de um texto científico, origina-se na fase que antecede toda e qualquer produção textual. Uma das principais barreiras no percurso da redação é o domínio da técnica da leitura e interpretação de textos.

Com relação à elaboração do artigo deve-se ter em mente que o seu objetivo é não só de cumprir etapas obrigatórias na Iniciação científica, como também de divulgar as pesquisas realizadas sobre um tema específico em eventos científicos ou publicá-las em revistas especializadas.

Conforme os ensinamentos de Motta Roth & Hendges (2010, p. 68), há necessidade de algumas habilidades por parte do autor de um artigo científico tais como:

1. Seleção das referências bibliográficas relevantes ao assunto;
2. Reflexão sobre estudos anteriores na área;
3. Delimitação de um problema ainda não totalmente estudado na área;
4. Elaboração de uma abordagem para o exame desse problema;
5. Delimitação e análise de um conjunto de dados representativos
6. Apresentação e discussão dos resultados da análise desses dados;
7. Conclusão e elaboração de generalizações a partir desses resultados, com conexão aos estudos prévios dentro da área de conhecimento em questão.

À medida que o autor for construindo o seu texto, há uma progressão segundo as autoras da informação do item 1 ao item 7. Outro aspecto importante abordado por Motta Roth & Hendges (2010), volta-se ao estabelecimento das palavras-chave como ponto de partida para a redação do texto e que devem ser utilizadas ao longo do texto com o objetivo de manter a continuidade textual relativa às informações e à coesão necessária entre as sentenças.

Nesse sentido, a atividade desenvolvida pela iniciação científica colabora com a prática da produção do texto científico, pois sob a orientação de um docente, os alunos participantes do programa vivenciam a experiência da pesquisa por meio da leitura e elaboração de textos científicos, com a elaboração de seus planos de trabalho, relatórios e artigos,

fato que contribui com o progresso de toda a comunidade científica, já que muitas vezes essas atividades não são desenvolvidas ativamente nos cursos de graduação.

4. A questão do plágio: percursos enfrentados

A atividade intelectual de redigir um texto científico, na maioria das vezes, ocasiona certa insegurança em seus autores, principalmente aos iniciantes na prática da escrita, fato que colabora com aumento do número de casos de plágio em trabalhos científicos.

Conforme *Random House Unabridged Dictionary*, apud Vasconcelos (2007, p. 04), pode-se definir plágio como a “[...] a apropriação ou imitação da linguagem, ideias ou pensamentos de outro autor e a representação das mesmas como se fossem daquele que as utiliza [...]”.

Assim, plagiar um texto é transcrever literalmente as palavras de um determinado autor para um texto de autoria própria sem a devida citação da referência bibliográfica, ou até mesmo reescrever um trecho de um texto alterando algumas palavras sem referenciar o original.

O sentido da expressão plágio remonta aos tempos da Roma antiga, pois em tal época histórica havia a figura do plagiário, o qual era aquele que roubava escravos ou vendia como escravos indivíduos livres. A expressão foi contemplada pelo campo literário por meio de uma metáfora do poeta Marcial, que, no século I, comparou seu poema apropriado por outro autor como o caso de uma criança que foi sequestrada (MORAES, 2004).

Na atualidade, com o crescente uso da internet para pesquisa de referencial teórico para a elaboração de trabalhos científicos, aumentou-se também o número de ocorrência de plágio, pois devido à facilidade de acesso a informação e ao falso pensamento que a internet é um território vasto e livre, onde dificilmente se consegue detectar cópias textuais, faz com que muitos se aventurem na prática de plagiar textos disponibilizados virtualmente.

No entanto, responsabilizar a internet pela prática de plágio nas universidades brasileiras não é apropriado, pois apesar da mesma ser grande facilitadora de tais ocorrências, tal problema é de inteira responsabilidade do próprio pesquisador-autor que se vale de atitudes antiéticas em seus trabalhos científicos.

Nesse sentido, adequadamente se posiciona Moraes (2004, p. 98.) ao afirmar que:

A Internet, sem dúvida, potencializa a incidência do plágio. Contudo, é preciso advertir: a proliferação da desonestidade intelectual nas universidades brasileiras não é culpa da Internet, poderosíssima máquina facilitadora da cópia. Culpá-la é interpretar estreitamente o problema. O responsável por essa grave crise ética é, obviamente, o próprio ser humano. Não pode a rede mundial de computadores ser tachada como vilã, até porque ela configura importante instrumento de pesquisa acadêmica e tende a ser cada vez mais valorizada na Sociedade da Informação em que vivemos.

É certo que qualquer texto para ser redigido necessita de conhecimentos adquiridos com a leitura de outros textos. Segundo Judensneider (2011) um texto é sempre resultado de outros textos anteriores, pois nenhum texto nasce só. Produzir um texto a partir de um liame estabelecido com outro texto não é plágio, mas um dialogismo entre discursos e sujeitos, sendo de fundamental importância a sinalização e a identificação de todos os elementos dos textos anteriores que compõem a nova produção.

A ideia de que um texto é reflexo de outros textos também é evidenciada por Silva (2008, p. 360) ao relatar que

quem escreve um texto não será nunca seu autor soberano: o discurso nunca é constituído de uma única voz; é polifônico, gerado por muitas vozes, muitos textos que se cruzam e se entrecruzam no espaço e no tempo; resultado que flui para dentro do leitor, passando a fazer parte da sua fala, de seus textos.

Na discussão acerca de se evitar o plágio em trabalhos científicos é primordial o papel da universidade, seja nos cursos de graduação ou nos Programas de pós-graduação, como mestrados e doutorados.

A universidade como proliferadora de conhecimento deve incentivar a prática de projetos que estimulam a pesquisa acadêmica com a devida orientação de seus alunos sobre o que pode ou não ser considerado plágio e das sanções cabíveis a tal atitude. Os professores, principalmente aqueles orientadores de produções científicas precisam demonstrar aos seus orientandos a importância da originalidade nas produções textuais, bem como nortear por meio de sua própria experiência o caminho que se deve percorrer com as leituras até o produto final do texto científico.

É certo que muitos culpam a falta de tempo como principal motivação para a prática do plágio, já que a produção de um trabalho científico necessita de muita dedicação, principalmente no momento da redação do texto científico, porém o resultado não é compensador. O plágio retira

quem que o pratica a oportunidade de crescer, de inovar o conhecimento adquirido com a pesquisa, pois o mesmo passa a ser escravo do trabalho de outro autor, não desenvolvendo seu próprio potencial científico.

5. *No percurso discente: as percepções nas áreas de ciências da saúde e ciências agrárias*

Participar de uma comunidade científica é compor um grupo de pesquisadores que compartilham conhecimento por meio do desenvolvimento de um trabalho de pesquisa científica. É olhar a si mesmo e ao outro com uma visão de inovação técnico-científica que contribui para o aprimoramento da ciência.

De acordo com os ensinamentos de Lovisolo (1997) falar em comunidade científica é retomar ao campo das universidades, pois é neste ambiente que se propaga a maioria das pesquisas, principalmente nos programas de formação de pós-graduação como mestrados e doutorados.

Assim a dinâmica das universidades é intrínseca à formação de comunidades científicas, pois o fato das pesquisas revelarem novas descobertas, tais conhecimentos sustentam os pilares das universidades.

Na graduação, a oportunidade de participação em uma comunidade científica é oferecida por meio do PIBIC, o qual proporciona aos seus participantes o primeiro contato com o desenvolvimento de um trabalho de pesquisa científica.

Inserida neste contexto de pesquisa por meio de um plano de trabalho, nossos objetivos estão direcionados ao papel dos discentes participantes da iniciação científica nas áreas de ciências da saúde e ciência agrárias, com ênfase em quais seriam as suas percepções na elaboração de suas produções textuais científicas.

A pesquisa foi direcionada aos alunos de iniciação científica das áreas de ciências da saúde e ciências agrárias no âmbito da UCDB, as quais compreendem os seguintes cursos de graduação: biologia, farmácia, enfermagem, nutrição, fisioterapia, educação física, agronomia, medicina veterinária e zootecnia.

Como primordialmente o objetivo era conhecer o aluno das áreas de ciências da saúde e ciências agrárias participante de iniciação científica, foi aplicado aos mesmos um questionário na oportunidade da reunião

geral do PIBIC – UCDB, realizada no dia 25/10/2012 no anfiteatro do bloco B nas dependências da Universidade.

O questionário, de uma maneira geral, visa saber como o aluno ingressou no PIBIC, há quanto tempo já participa do programa, como elaborou seu plano de trabalho, bem como o papel da universidade e do professor-orientador na prática da pesquisa e as dificuldades encontradas no momento da elaboração de textos científicos. Neste contexto, cerca de 46 acadêmicos responderam ao questionário.

Na área de ciências da saúde responderam à pesquisa 22 acadêmicos, na proporção de 41% alunos de biologia, 27% de farmácia, 18% de enfermagem, 4% de nutrição, 5% de fisioterapia e 5% de educação física.

Já na área de ciências agrárias participaram da pesquisa 24 acadêmicos, na proporção de 37% alunos de agronomia, 21% de medicina veterinária e 42% de zootecnia.

Analisando a participação dos acadêmicos no PIBIC é possível constatar que nos cursos da área de ciências da saúde, 54% ingressaram no programa por iniciativa própria em busca de um orientador, 32% por meio de convite do professor e 14% por indicação de um colega ou professor.

Nos cursos da área de ciências agrárias, 37,5% dos acadêmicos ingressaram no programa por meio de convite do professor, 33,3% por iniciativa própria em busca de um orientador e 29,2% por indicação de um colega ou professor.

Já com relação ao tempo de participação dos acadêmicos no PIBIC constata-se que:

Área	1º ciclo	2º ciclo	3º ciclo	Mais de 3 ciclos
Ciências da Saúde	7	12	3	0
Ciências Agrárias	10	11	2	1

Quanto à elaboração do plano de trabalho, verifica-se que:

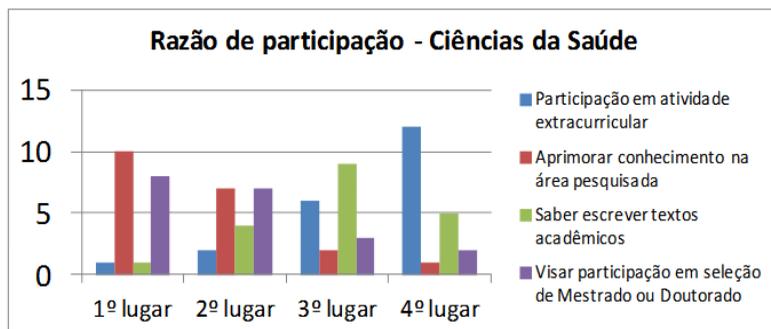
Área	Elaborado pelo orientando	Elaborado pelo professor-orientador	Elaborado conjuntamente pelo orientando e professor-orientador
Ciências da Saúde ¹⁶	0	15	8
Ciências Agrárias	4	14	6

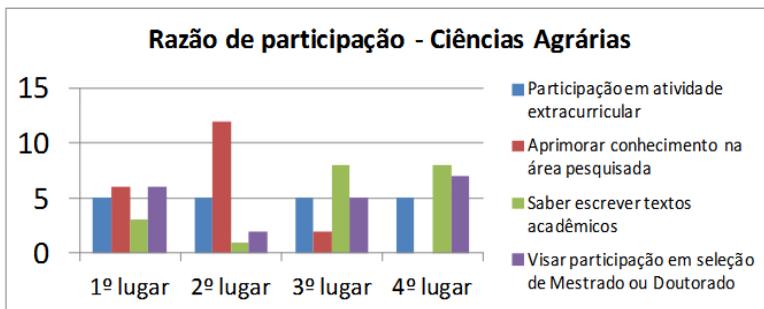
¹⁶ Um candidato em cada ciclo teve seu plano elaborado de forma diferente.

Com relação ao papel principal da universidade frente aos alunos na iniciação científica, para os cursos de ciências da saúde tal papel é introduzir os estudantes de graduação na pesquisa científica, já para a maioria dos acadêmicos dos cursos de ciências agrárias tal papel se resume no preparo e apoio dos alunos teórica e metodologicamente à realização de um projeto de pesquisa.

Analisando a opinião dos participantes do programa com relação à contribuição do professor-orientador na pesquisa científica nota-se que para os cursos de ciências da saúde a maioria defende que o professor-orientador colabora efetivamente para a produção científica dos alunos. Com relação aos acadêmicos dos cursos de ciências agrárias, percebe-se que tal contribuição resume-se na ocorrência de envolver novos pesquisadores na atividade de pesquisa e também colaborar efetivamente para a produção científica dos alunos, o que de certa forma apresenta certa coerência já que tais contribuições relacionam-se entre si.

Em uma ordem de importância, os acadêmicos dos cursos da área de ciências da saúde justificaram sua participação no programa de pesquisa científica em razão de aprimorar os conhecimentos na área pesquisada, visando uma futura participação em seleção de mestrado ou doutorado, bem como a oportunidade de aprender a escrever textos científicos e obter horas de atividades extracurriculares. Já os acadêmicos dos cursos de ciências agrárias justificam, respectivamente, a participação na pesquisa científica em razão de aprimorar os conhecimentos na área pesquisada juntamente com uma futura participação em seleção de mestrado ou doutorado, seguido da oportunidade de aprender a escrever textos científicos.

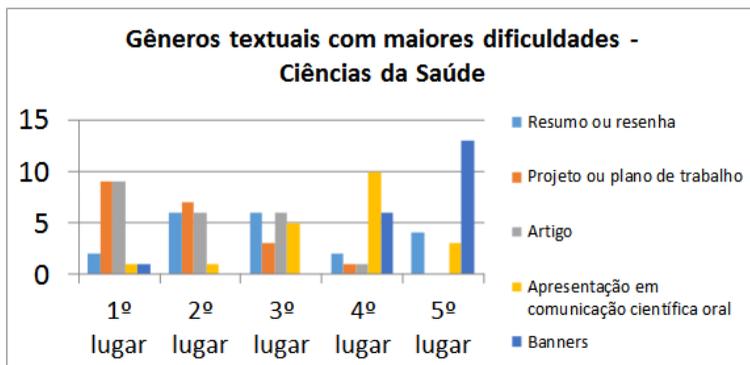


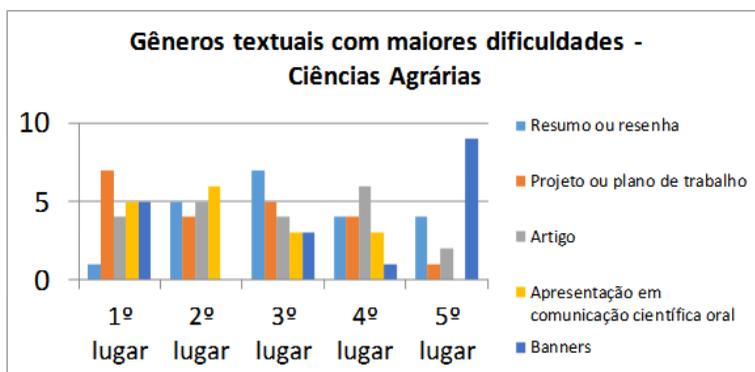


No tocante à produção textual científica, foi perguntado aos acadêmicos se os mesmos teriam experiências na elaboração de textos científicos. Tanto na área de ciências da saúde como na de ciências agrárias a maioria se julgou experiente com a produção de textos científicos. No entanto, foi solicitado aos mesmos que enumerassem em ordem crescente os gêneros textuais que encontrassem maiores dificuldades na redação.

Os acadêmicos dos cursos da área de ciências da saúde elencaram, conjuntamente, como gêneros textuais com maiores dificuldades na redação a elaboração de projeto ou plano de trabalho e a elaboração de artigo, já os que apresentam menores dificuldades em sua produção foram apresentações orais e elaborações de banners.

Os acadêmicos dos cursos da área de ciências agrárias elegeram como gênero textual com maior dificuldade em sua redação a elaboração de projeto ou plano de trabalho seguidos, respectivamente, de apresentações orais, elaboração de resumo ou resenha, elaboração de artigo e elaboração de banners.





No anseio de suprir as dificuldades relatadas pelos acadêmicos com relação à produção textual, nosso grupo de pesquisa ofereceu três oficinas textuais aos acadêmicos de iniciação científica, as quais objetivavam a discussão de temas tais como a relevância de se integrar uma comunidade científica, as formas estruturais e formais de elaboração de planos de trabalho, relatórios e artigos científicos.

6. Considerações finais

O caminho percorrido no universo da pesquisa científica é complexo e exige de seus desbravadores determinação e anseio por novas descobertas. A atividade de pesquisa, independentemente da área de atuação, nunca se encontra esgotada, sempre há algo novo a ser buscado ou aprimorado. Pesquisar é integrar um ciclo contínuo pela busca do conhecimento.

Diretamente relacionada com a pesquisa encontra-se a produção textual científica, pois pesquisar enseja produzir, contextualizar o conhecimento aprendido, pois ninguém produz ciência para si mesmo, mas sim para contribuir com a sociedade ao qual está inserido.

A produção textual científica, devido a suas particularidades estruturais, na maioria das vezes é vista com certo receio por aqueles que integram uma comunidade científica, principalmente pelos graduandos participantes da iniciação científica, já que estes são iniciantes na prática da pesquisa.

É certo que são muitas as dificuldades encontradas pelos acadêmicos no momento de redigirem relatórios, resumos ou artigos científicos, até mesmo uma apresentação oral apresenta suas técnicas, porém a oportunidade concedida pela iniciação científica de experiência dessas produções textuais colaboram com o crescimento pessoal e intelectual de cada um, além de contribuir com uma futura seleção em programa de mestrado ou doutorado.

Relaciona-se com a qualidade da produção textual acadêmica a prática da leitura científica. Para escrever bem é primordial realizar boas leituras. Ninguém escreve sem uma bagagem intelectual previamente adquirida com os textos científicos.

Um texto sempre carrega consigo reflexos de outros textos, porém isso não autoriza a cópia desautorizada de produções textuais. O plágio além de sua natureza criminal, com suas respectivas sanções, também é uma afronta à própria ciência, que necessita de originalidade em suas novas descobertas.

Dessa maneira, a universidade é local ideal para o desenvolvimento das comunidades científicas e da ciência como um todo. Integrar uma comunidade científica por intermédio de um programa de iniciação científica é vivenciar a primeira experiência com a atividade de uma produção textual científica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DORSA, Arlinda Cantero. O texto científico e suas práticas discursivas na universidade: dificuldades e possibilidades. *Anais do SILEL*, v. 2, n. 2. Uberlândia: EDUFU, 2011. Disponível em:

<<http://www.ileel.ufo.br/anaisdosilel/ptarquivos/sil>>. Acesso em: 13-12-2012.

_____; CASTILHO, Maria Augusta de. O texto acadêmico e suas convergências e o papel do professor na sua prática docente. *Anais do VI Simpósio Internacional de Gêneros Textuais*. UFRN: 2011. Disponível em: <<http://www.cchla.ufrn.br/visiget/pgs/pt/anais>>. Acesso em: 12-12-2012.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. Universidade: nos bastidores da produção do conhecimento. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, v. 75, n. 179/180/181, p. 157-169, 1994. Disponível em:

<<http://www.emaberto.inep.gov.br/index.php/RBEP/article/viewFile/316/317>>. Acesso em: 10-07-2013.

JUDENSNAIDER, Ivy. O plágio, a cópia e a intertextualidade na produção acadêmica. *Revista Espaço Acadêmico*, v. 11, n. 125, p. 133-138, 2011. Disponível em:

<<http://eduem.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/14244>>. Acesso em: 06-11-2012.

LOVISOLO, Hugo. Comunidades científicas: condições ou estratégias de mudança. *Educação & Sociedade*, v. 18, n. 59, 1997. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/es/v18n59/18n59a02.pdf>>. Acesso em: 10-01-2013.

MASSI, Luciana; QUEIROZ, Salete Linhares. Estudos sobre iniciação científica no Brasil: uma revisão. *Cadernos de Pesquisa*, v. 40, n. 139, p. 173-197, 2010. Disponível em:

<<http://educa.fcc.org.br/pdf/cp/v40n139/v40n139a09.pdf>>. Acesso em: 19-10-2012.

MORAES, Rodrigo. O plágio na pesquisa acadêmica: a proliferação da desonestidade intelectual. *Revista Diálogos Possíveis*, Salvador: Faculdade Social da Bahia, p. 91-109, 2004. Disponível em:

<<http://universitario.educacional.com.br/dados/unvAtivComplementares/123810001/AtivIndicadas/645/O%20pl%C3%A1gio%20na%20pesquisa%20acad%C3%AAmica.pdf>>. Acesso em: 21-07-2013.

MOTTA-ROTH, Désirée. O ensino de produção textual com base em atividades sociais e gêneros textuais. *Linguagem em (Dis)curso*, v. 6, n. 3, p. 495-517, 2006. Disponível em:

<http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discursivo/article/viewArticle/347>. Acesso em: 14-05-2013.

_____; HENDGES, Graciela H. *Produção textual na universidade*. São Paulo: Parábola, 2010.

NUNES, Everardo Duarte. A trajetória das ciências sociais em saúde na América Latina: revisão da produção científica. *Revista Saúde Pública*, v. 40, n. Esp, 2006. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/rsp/v40nspe/30624.pdf>>. Acesso em: 10-07-2013.

NUNES, João Arriscado. *Entre comunidades de prática e comunidades virtuais: os mundos da ciência e as suas mediações*. 1996. Disponível

em: <<https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/10969>>. Acesso em: 24-05-2013.

OLIVEIRA, Eliane Feitoza. *Letramento acadêmico: breve análise dos conflitos que emergem no uso de resenhas por parte de alunos ingressantes no domínio acadêmico*. Disponível em: <http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais17/txtcompletos/sem13/COLE_3641.pdf>. Acesso em: 20-07-2013.

PONTES, Carlos Antonio Alves; MENEZES FILHO, Abel; COSTA, André Monteiro. O processo criativo e a tessitura de projetos acadêmicos de pesquisa. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, v. 9, n. 17, p. 439-450, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v9n17/v9n17a25.pdf>>. Acesso em: 10-01-2013.

PONTES, Daniel Pacheco. *Plágio: estelionato intelectual e um péssimo início*. Disponível em: <http://comosefaz3.dominiotemporario.com/doc/Plagio_estelionato_intelectual_e_um_pesimo_inicio.pdf>. Acesso em: 18-07-2013.

RAMIRES, Vicentina. Gêneros textuais e relações de poder na comunidade acadêmica. *Revista do GEL*, n. 4, p. 129-147, 2007. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo054.pdf>>. Acesso em: 19-10-2012.

SANTOS, Raimundo Nonato Macedo dos. Produção científica: por que medir? O que medir? *Revista digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, v. 1, n. 1, 2003. Disponível em: <<http://eprints.rclis.org/6264/>>. Acesso em: 24-05-2013.

SAUTHIER, Marta; ALMEIDA FILHO, Antonio José; MATHEUS, Mariana Pereira; FONSECA, Patrícia Matheus Lopes da. Fraude e plágio em pesquisa e na ciência: motivos e repercussões. *Revista de Enfermagem Referência*, n. 3, p. 47-55, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/pdf/ref/vserIIIIn3/serIIIIn3a05.pdf>>. Acesso em: 14-12-2012.

SILVA OLIVAL, Moema de Castro e. Intertextualidade ou plágio? – considerações teórico-práticas. *Signótica*, v. 2, n. 1, p. 153-161, 1990. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/sig/article/viewArticle/7228>>. Acesso em: 13-12-2012.

SILVA, Obdália Santana Ferraz. Entre o plágio e a autoria: qual o papel da universidade? *Revista Brasileira de Educação*, v. 13, n. 38, p. 357-414, 2008. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v13n38/12.pdf>>. Acesso em: 14-11-2012.

SIMÕES, Darcilia. *A produção de textos acadêmicos*. A redação de trabalhos acadêmicos: teoria e prática. Rio de Janeiro: Eduerj, 2002. Disponível em:

<[http://dgx64hep82pj8.cloudfront.net/PAT/Upload/1225609/a%20produ%C3%A7%C3%A3o%20de%20textos%20acad%C3%AAmicos\(1\).pdf](http://dgx64hep82pj8.cloudfront.net/PAT/Upload/1225609/a%20produ%C3%A7%C3%A3o%20de%20textos%20acad%C3%AAmicos(1).pdf)>. Acesso em: 12-05-2013.

TORRESI, Susana I. Córdoba de; PARDINI, Vera L.; FERREIRA, Vitor F. É plágio, e daí? *Química Nova*, v. 34, n. 3, p. 371, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/qn/v34n3/01.pdf>>. Acesso em: 15-05-2013.

VASCONCELOS, Sonia M. R. O plágio na comunidade científica: questões culturais e linguísticas. *Ciência e Cultura*, v. 59, n. 3, p. 4-5, 2007. Disponível em:

<<http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v59n3/a02v59n3.pdf>>. Acesso em: 22-07-2013.